

Símbolo de representatividade: Jay Rootz's e a luta feminista dentro do Hip-Hop



Foto: Amanda Barbosa

Criado nos Estados Unidos na década de 1970 entre as comunidades de imigrantes latinos, jamaicanos e afro-americanos, o Hip-Hop se consolidou nas ruas como uma forma de manifestação e crítica social. O movimento se fortificou no Brasil na década de 1980 através do Break Dance, no entanto, com uma cultura predominantemente masculina.

É nesse cenário que a B-girl Jéssica Ferreira Lima, de 21 anos, mais conhecida como Jay Rootz's, atua, usando o movimento para pautar a luta feminina nas periferias e revitalizar a importância das mulheres buscarem reconhecimento nessa arte.

Nascida e criada no bairro Jardim Vera Cruz, no distrito do Jardim Ângela - Zona Sul, da cidade de São Paulo, Evanilda e Atevaldo não imaginavam a pessoa forte que estavam criando. Mulher, periférica, ativista, B-girl na modalidade Style, professora de oficinas e articuladora de eventos socioculturais na região Sul de São Paulo, Jay Rootz's é uma jovem consciente de suas raízes e lutas históricas.

Essa luta iniciou cedo, mais especificamente quando ela tinha 14 anos e começou a trabalhar em um salão de cabeleireiro. Logo depois entrou para o grupo de teatro amador da escola, e em seguida tornou-se integrante da Cia Cavalos de Pau. Nessa fase, se descobriu uma nova pessoa.

Depois de entrar para o teatro, ela se encontrou na dança. A mãe foi uma forte influência em sua vida desde pequena. Como Evanilda ouvia muito jazz e blues, na infância, Jay começou a se interessar muito por música negra e dançar samba rock pois a mãe dançava também. Assim, quando passou pelo teatro, sua paixão pelo breaking só acendeu.

Foi também nessa fase que ela percebeu que alisar o cabelo não fazia mais sentido. A paixão pelo breaking fez com que o interesse por história surgisse e Jay se descobriu como negra. As formas enroladas logo depois deram espaço para tranças de todas as cores, black power, cortes com a cabeça raspada do lado, e outros estilos de cabelos. Todos únicos, assim como ela.

A partir da iniciação com o hip-hop, Jay entendeu como era importante disseminar essa cultura para a sua e para outras comunidades que não estavam acostumados com atividades de lazer e diversão. Então, organizando eventos socioculturais, não apenas com a temática do movimento, sentiu a importância de espalhar essa consciência.

"O povo periférico está acostumado a sofrer, então quando acontece algo positivo eles até estranham"

Quando criou essa consciência, Jay iniciou a produção de eventos dentro da comunidade. Dando o pontapé inicial para o começo de uma grande trajetória, a luta pela representatividade feminina dentro do Hip-Hop e de sua comunidade, estava só começando.

Sua primeira experiência foi produzindo o *Jaçarau* - sarau que acontece no bairro do Jacira, localizado em Itapeverica da Serra, Zona Sul de SP. Depois começou com a organização da *Batalha do Vinho*, uma batalha de MC's que acontece no bairro Vila Calu, também na Zona Sul. Ao ficar lá por quase dois anos, percebeu a ausência das mulheres dentro das batalhas, e o sonho de fazer algo voltado apenas para o público feminino, começou a crescer.

Depois da *Batalha do Vinho*, ela começou a produzir no *Mocambo*, uma casa cultural localizada no alto da Riveira, Zona Sul. Lá, atuava com o coletivo *Fora de Frequência*. Um dos eventos que lembra com carinho foi o O “*Hip-Hop Rua*”, que contou com a presença de seus ídolos: Thaíde, Cris SNJ e KL Jay.

No início de sua trajetória no Hip-Hop, Jay já havia percebido como o movimento é muito machista, e decidiu criar uma estratégia no começo de sua carreira. Ela ansiava construir um ambiente mais democrático entre os gêneros e fazer seus próprios eventos voltados para mulheres, mas percebeu que os homens só teriam interesse em participar de seus eventos se ela tivesse um nome, com isso, decidiu produzir mais incansavelmente para atingir uma visibilidade dentro do movimento.

Foi o que conseguiu. Depois de cinco anos trabalhando apenas para homens, nascia aí o *Vem de Quebraz's*. Assim como seu vulgo, o “z's” representa a Zona Sul. As siglas marcantes tem um significado mais que especial: enfatizar sua origem.

“Peguei públicos dos eventos que produzi, aproveitei meu espaço e visibilidade para realizar esse sonho que era um evento meu voltado para as minas e público LGBTQIA+”

A 1ª edição do evento aconteceu na garagem de sua casa. Teve a participação de DJ's, intervenção de graffitis, recreação para as crianças e palestras conscientizando sobre violência contra a mulher - com a maioria do público masculino. Agora, o evento que é nômade e circula por vários pontos de São Paulo, descobrindo novos rostos, novos aprendizados e novas vivências, cresceu, e no dia 19 de outubro chegará na sua 4ª edição.

“Tamo ai fortalecendo o corre das outras manas e se possível abrindo caminho para todas”.

A 2ª edição do evento realizada em maio, aconteceu dessa vez na Zona Oeste, na Casa Sements, localizada no Butantã. A partir dessa edição a *Vênus Mídia*, equipe de filmagem que trabalha somente com pessoas LGBTQIA+ da quebrada, também integrou.

O distrito do Capão Redondo foi o palco da terceira edição, que contou com a presença de Cris SNJ e um desfile incrível organizado por estilistas e modelos das periferias de toda São Paulo. Com a temática de Diáspora Africana, a 4ª edição do evento permite disseminar ainda mais cultura e democratização.

Jay não faz parte de nenhum coletivo ou instituição, e sempre fugiu disso. Dentro do universo machista, ela não queria ficar conhecida como a “Mana do coletivo” e sim pelo seu vulgo, a mina que é o produtora, modelo, educadora... a Jay Rootz’s.

O bairro do Jardim Vera Cruz faz parte do distrito do Jardim Ângela, extremo sul de São Paulo, e é administrado pela Subprefeitura do M'Boi Mirim. A cerca de 32 km do centro da cidade de São Paulo, fica próximo às divisas com os municípios de Embu-Guaçu e Itapecerica da Serra. Mesmo com 12.176.866 habitantes, o bairro tem um histórico de luta por conta do descaso e abandono por parte do poder público.

Em contrapartida, temos com o mesmo nome, o bairro “Jardim Vera Cruz” localizado na zona oeste de SP, no distrito de Perdizes. Este bairro, com sobrados de classe média majoritariamente residencial, abriga parte da *praça Vicente Tramonte Garcia* e está localizado nas proximidades da estação Vila Madalena do Metrô de São Paulo. O que diferencia esses dois bairros? A lutas de jovens representatividades como Jay.

“Eu queria ficar conhecida no meu bairro, pois aqui na Vera Cruz não tem nenhuma B-girl e produtora cultural, isso não é questão de ego, é se preocupar com a próxima geração, pois se eu consigo fazer tudo isso, elas também conseguem”

As iniciativas de Jay foram importantes para despertar em si uma consciência crítica sobre a sociedade, além do interesse por política, geografia e por história. Não a história escassa da grade curricular, a história de luta das mulheres fortes, mulheres que transcendem e inspiram gerações.

Ela usa esses conhecimentos nas oficinas que orienta no *Mocambo*, para mostrar aos alunos que o Hip-Hop não é só uma dança, mas tem uma história, que é importante sabermos para manter e dar continuidade a esse movimento e seus 4 pilares: DJ, MC, breaking e o grafitti. Além de toda a luta que essa arte envolve.

Mesmo com o histórico de resistência importante dentro da periferia, a luta de Jay está longe de acabar. Uma de suas maiores batalhas acontece em casa, com a relação que ela enfrenta com os pais.

Antes de viver somente com o Hip-Hop e com os eventos, o ambiente de racismo e homofobia suportado no trabalho há um tempo atrás chegou no limite, fazendo com que ela pedisse demissão do emprego de carteira assinada como auxiliar de produção no *Hospital do Servidor Público*. Para seus pais, foi uma grande besteira. Seu sonho de trabalhar com arte e cultura era a maior baboseira que eles já presenciaram. Pois, quem é o louco que quer ser empreendedor em um ramo como esse?

Essa barreira vem sendo quebrada aos poucos, principalmente quando ela lembra com carinho do dia mais especial de sua vida: a participação no programa *Manos e Minas*. O convite para o programa veio uma semana depois da demissão, e para ela, foi o “tapa na cara” que os pais precisavam para perceber como ela é feliz fazendo o que faz. Com trancos e barrancos, ela vai levando a situação.

“Uma menina afro indígena do Vera Cruz representar no Manos e Minas. Para mim isso nao tem preço, infelizmente o programa acabou, então isso é histórico”

Ao fazer seu primeiro job como modelo, para a Netflix na série *Sintonia*, Jay realizou um sonho. O símbolo de inspiração que ela representa dentro de sua comunidade, a levou para outros estados, quando foi para Natal dar uma palestra sobre um evento que eu ajudou a produzir em SP: o *Essencial Vibe*, que é uma batalha de breaking. Os organizadores dessa batalha eram de lá, e migraram o

movimento, convidando-a para dar um workshop de produção cultural e falar da vivência como mulher afro-indígena dentro da cena.

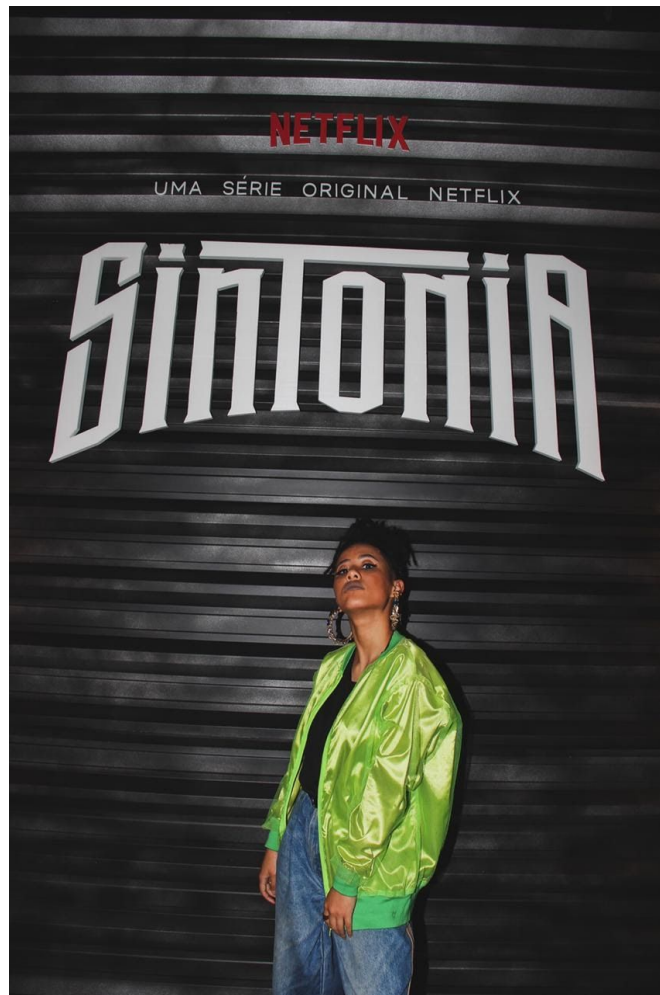


Foto: Jeferson Delgado/ Divulgação

No próximo mês, Jay será homenageada e terá seu rosto grafitado pelo projeto *Ligando o Muro nos Mapas*, do coletivo *Manifestintação*, que promove a integração, difusão e inclusão cultural entre artistas da quebrada. Provando a importância da essência de trabalhos como os desenvolvidos por Jay, que ajudam a viabilizar um espaço de representação feminina na luta por igualdade de gênero, espalhando e difundindo os pilares do Hip-Hop e de outras culturas, para despertar o engajamento de jovens em movimentos sociais e promovendo um ambiente mais democrático de acesso à cultura e informação.